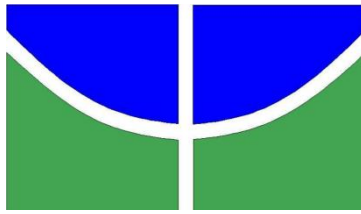


## ***A constituição de uma práxis existencial-social com jovens e adultos no CESAS***





**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**Faculdade de Educação – UAB/UnB/ MEC/SECADI**  
**II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e**  
**Cidadania, com Ênfase em EJA / 2013 – 2014**

**ANA CAROLINA LEONEL EMEDIATO**  
**ANDRÉA DE FÁTIMA CALANDRINE DUARTE**  
**FLÁVIA SIMONE SOUSA TÔRRES**  
**REUS ANTUNES DE OLIVEIRA**  
**VICENTE DE PAULA LIMA DE SOUSA**

**A constituição de uma práxis existencial-social com jovens e adultos no CESAS**

**BRASÍLIA, DF**  
**Abril/2014**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Educação – UAB/UnB/ MEC/SECADI  
II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e  
Cidadania, com Ênfase em EJA / 2013 – 2014

## **A constituição de uma práxis existencial-social com jovens e adultos no CESAS**

ANA CAROLINA LEONEL EMEDIATO  
ANDRÉA DE FÁTIMA CALANDRINE DUARTE  
FLÁVIA SIMONE SOUSA TÔRRES  
REUS ANTUNES DE OLIVEIRA  
VICENTE DE PAULA LIMA DE SOUSA

Professor Orientador: Renato Hilário

Professor Tutor: Cléssia Mara Santos

PROJETO DE INTERVENÇÃO

Brasília, DF  
Abril/2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Educação – UAB/UnB/ MEC/SECADI  
II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e  
Cidadania, com Ênfase em EJA / 2013 – 2014

ANA CAROLINA LEONEL EMEDIATO  
ANDRÉA DE FÁTIMA CALANDRINE DUARTE  
FLÁVIA SIMONE SOUSA TÔRRES  
REUS ANTUNES DE OLIVEIRA  
VICENTE DE PAULA LIMA DE SOUSA

## **A constituição de uma práxis existencial-social com jovens e adultos no CESAS**

Trabalho de conclusão do II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em EJA / 2013 –2014, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista na Educação de Jovens e Adultos.

---

Professor Orientador

---

Tutor Orientador

---

Avaliador Externo

Brasília, DF  
Abril/2014

Dedicamos este nosso trabalho aos estudantes do CESAS  
que nos deram coragem para iniciar este projeto:  
Com um novo olhar para EJA  
baseado no respeito à diversidade e pluralidade.

**Agradecemos a todos(as) que com dedicação  
abraçaram este projeto e fizeram dele  
uma realidade de esperanças.**

“O correr da vida embrulha tudo.  
A vida é assim: esquenta e esfria,  
aperta e daí afrouxa,  
sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem..”

**Guimarães Rosa**

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo propor ações que atendessem aos anseios e necessidades dos estudantes do CESAS, quanto ao desenvolvimento de um sentimento de pertencimento à escola, bem como a promoção da relação intergeracional, desgastada nos últimos anos devido à entrada massiva de adolescentes na EJA. Foram utilizados questionários, reuniões e conversas com os estudantes, o que permitiu que eles apresentassem suas aspirações dentro do tema. A partir dos dados identificados, novos encontros foram acontecendo e possibilitando que os participantes propusessem as sugestões que permitiram a elaboração das ações aqui apresentadas. Acreditamos que tanto a implantação da horta escolar, quanto o incentivo à participação na CESARTE, a elaboração do vídeo minuto sobre a Copa do Mundo e o desenvolvimento da *web-tv* do CESAS, são ações que levarão à construção de uma práxis existencial-social com os estudantes e professores do Centro de Educação de Jovens e Adultos Asa Sul (CESAS), desenvolvendo o acolhimento destes e construindo o sentimento de pertencimento em todos. Por se tratarem de atividades desenvolvidas em turmas intergeracionais, esperamos que o diálogo a ser construído seja fator motivador e gerador de uma EJA mais pautada na diversidade e pluralidade socioeducacional, permitidora de uma formação plena do ser humano.

Palavras-chave: pertencimento, intergeracional, práxis.



## RESUME

The main goal of this work is to suggest actions that promote the intergenerational relationship among Cesas' students – which has worn out because of the massive entrance of teenagers in EJA (Teenagers and Adults Education) – and also to develop the students' sense of belonging to the school in order to full fill their aspirations and needs. The students went to meetings and answered questionnaires whiten the theme and this allowed them to show their real aspirations. Having this initial knowledge from the collected data, new meetings happened and the participants were asked to make suggestions that allowed the elaboration of the actions here proposed. It is believed the implementation of a school garden as encouraging participation in CESARTE, the preparation of the minute video about the World Cup and the development of a Cesas' web-tv will construct an existential-social praxis with Cesas' students and teachers and will also develop the sense of belonging in all of them. Because these are activities in intergenerational classes, it is expected that the dialogue improvement will motivate and generate an EJA more guided by the socio and educational diversity and plurality that allow the full education of a human being.

Keywords: belonging, intergenerational, praxis.

## SUMÁRIO

1. Dados de identificação do(s) proponentes .....	11
1.1 Nomes .....	11
1.2 Grupo .....	11
1.3 Informações para contato .....	11
1.3.1 Telefones .....	11
1.3.2 E-mails .....	11
2. Dados de identificação do projeto .....	12
2.1 Título .....	12
2.2 Área de abrangência .....	12
2.3 Instituição .....	12
2.4 Público ao qual se destina .....	12
2.5 Período de execução .....	12
3. Ambiente institucional .....	13
4. Justificativa .....	14
5. Objetivos .....	19
6. Atividades .....	20
7. Cronogramas .....	24
8. Parceiros .....	24
9. Orçamento .....	24
10. Acompanhamento .....	25
11. Referências .....	26

## **1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(S) PROPONENTE(S):**

### 1.1 Nome(s):

ANA CAROLINA LEONEL EMEDIATO  
ANDRÉA DE FÁTIMA CALANDRINE DUARTE  
FLÁVIA SIMONE SOUSA TÔRRES  
REUS ANTUNES DE OLIVEIRA;  
VICENTE DE PAULA LIMA DE SOUSA

1.2 Grupo 7 – A constituição de uma práxis existencial-social com jovens e adultos no CESAS.

### 1.3 Informações para contato:

#### 1.3.1 Telefone(s):

#### 1.3.2 E-mail:

## **2. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO:**

### 2.1 Título:

A constituição de uma práxis existencial-social com jovens e adultos no CESAS

### 2.2 Área de abrangência:

Local.

### 2.3 Instituição:

O Projeto foi elaborado para ser desenvolvido na Instituição de Ensino Centro de Educação de Jovens e Adultos Asa Sul – CESAS, localizado no SGAS 602, MÓDULO D – ASA SUL, Instância educacional do Governo do Distrito Federal, Secretaria de Educação de Estado do Distrito Federal, Conselho de Educação do Distrito Federal e Conselho Escolar desta instituição.

### 2.4 Público ao qual se destina:

Comunidade escolar do CESAS.

### 2.5 Período de execução:

Início: Fevereiro/2014

Término: Dezembro/2016

### **3. AMBIENTE INSTITUCIONAL:**

O Centro de Educação de Jovens e Adultos da Asa Sul (CESAS) é uma das 113 escolas que oferta a Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e está localizado no Setor de Grandes Áreas Sul (SGAS), Quadra 602, Projeção D, Brasília/DF, CEP 72.200-620, telefone nº (61) 3901.2605.

Atende a um público de adolescentes, jovens, adultos, idosos e Portadores de Necessidades Especiais (PNE's) nos turnos diurno e noturno, no presencial de 1º, 2º e 3º segmentos, e a distância – 2º e 3º segmentos.

Além disso, é executor de vários convênios assinados pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), sendo parceiros de diversas instituições como o Serviço Social do Comércio (SESC), a Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), a Unidade de Internação de Saída Sistemática (UNISS), o antigo Centro de Atendimento Juvenil Especializado (CAJE), o Serviço Social da Indústria da Construção (SECONCI), a Presidência da República e outros.

Certifica concluintes do Ensino Fundamental – por meio do Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) e do Ensino Médio – por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

O Centro de Educação de Jovens e Adultos da Asa Sul (CESAS) surgiu após aprovação do Projeto, pelo Parecer 19/75 do Conselho de Educação do Distrito Federal (CEDF) e foi autorizado a funcionar pela instrução nº 29 de outubro de 1975, do Presidente do Conselho Diretor da então Fundação Educacional do DF. Chamava-se Centro de Ensino Supletivo Asa Sul. A partir de 2000 passou a chamar-se de Centro de Educação de Jovens e Adultos Asa Sul.

Atualmente existem 4200 estudantes, oriundos de todas as Regiões Administrativas (RA's) e do entorno, entre presenciais e Educação a Distância (EaD), sendo 800 estudantes com idade de 15 a 17 anos, matriculados em sua maioria no diurno. Muitos são trabalhadores e fazem opção pelo noturno, embora no diurno se encontre alguns trabalhadores no contra-turno. É uma escola inclusiva, com mais de 200 estudantes com necessidades especiais, matriculados regularmente. A escola também oportuniza aos estudantes acompanhamento nas salas de recurso das seguintes necessidades especiais: intelectual, auditiva, visual, física, múltipla, surdo/cegueira e outras.

#### 4. JUSTIFICATIVA

Tratando-se da temática educação em Brasília, é necessário ter em mente o contexto em que esta educação foi gerada. Nas palavras de Vasconcelos (2011) “Brasília foi concebida sobre a imagem do ‘ideal’ pensado pela filosofia moderna, o ideal para o ser humano. Brasília pretendeu estabelecer uma proximidade entre o espaço físico e a população e foi idealizada de modo que o espaço físico fortalecesse uma construção identitária moderna para o seu povo”. Dentro dessa perspectiva, Anísio Teixeira percebe a oportunidade de fundar as bases de uma educação centrada no indivíduo, acessível a todos, democrática. No período militar houve um desmonte desse projeto educacional, porém o ideal iniciado em 1956 e trabalhado até meados de 1964 já tinha sido incorporado pela sociedade brasiliense e pelos profissionais da educação.

Quando esse Projeto de Intervenção Local foi idealizado, teve como pressuposto o acolhimento desse grupo de adolescentes excluídos do sistema social e educacional nas escolas de educação de Jovens e Adultos (EJA), não somente acolhê-los, mas, utilizando as palavras do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) “recuperar a atribuição que confere ao Estado o dever mais alto, mais penoso e mais grave de promover a educação para desenvolver no povo a consciência de si mesmo e de seus destinos, e a força para afirmar-se e realizá-los. O público alvo e o qual o diagnóstico emancipador busca (re)conhecer com “novo olhar”, são os adolescentes e jovens na EJA e suas relações intergeracionais. Vê-se que este público, além é claro de ser bastante específico em seus interesses e histórias de vida, enfrentam sérios problemas de aceitação na comunidade escolar.

O principal desafio encontrado é o acolhimento a esses estudantes, respeito a sua diversidade e ao direito subjetivo à educação, sendo dever do Estado garantir-lhes o acesso na EJA. Ainda que muitas vezes existam dificuldades em viabilizar os sonhos na educação, mantemos a esperança, tentamos manter viva a utopia educativa de Anísio Teixeira.

O sistema de educação do Estado democrático moderno não é tal sistema [...] mas o de escolas públicas destinadas a oferecer oportunidades iguais aos indivíduos e ministrar-lhes educação para o que se costuma chamar de eficiência social, ou seja, o preparo para o exercício das suas funções sociais de cidadão, de trabalhador (concebido o termo sem nenhuma conotação de classe) conforme as suas aptidões e independente de suas origens sociais, e de consumidor inteligente dos bens materiais e espirituais da vida. Esta educação tem, pois, toda ela, e em todos os seus estádios, os objetivos que antes se dividiam pelos diferentes sistemas escolares: o de cultura geral, o de formação prática ou vocacional, o de formação profissional e o de formação para o lazer. Daí constitui um sistema contínuo, integrado e aberto a todos, em condições de igualdade de oportunidades (TEIXEIRA, 1963, p.11 *apud* PEREIRA, 2011).

É necessário estabelecer canais de comunicação entre os diferentes atores da escola, promover ações afirmativas em prol da integração e participação dos estudantes, para que a escola se torne um ambiente agradável a todos, e surja daí o sentimento de pertencimento a esse meio. Valorizar suas aprendizagens e interesses faz com que os alunos tenham confiança nas suas possibilidades de reinserção social e educativa.

É importante que este estudante não seja somente mais um número no SGE ou estatísticas de infrequência e abandono. Não é possível acreditar em mudanças significativas e realmente transformadoras, sem a participação dos sujeitos jovens e adolescentes. Esse diálogo é fundamental, complexo e difícil. Enfrenta resistência da comunidade escolar. Os estudantes adultos e idosos e parte dos profissionais da educação da EJA têm dificuldades em aceitar as mudanças nessa modalidade de ensino e estabelecer relações dialógicas. Para avançar nesse ponto é importante ter conhecimento mais aprofundado sobre o mundo desse estudante, e partindo desse conhecimento, repensar a estratégia das escolas, a prática docente, que deve ser pautada no respeito à diversidade, baseadas no diálogo intergeracional

Uma primeira consideração deve ser a de reconhecer este jovem como um sujeito, cuja história não é a mesma de outros jovens da mesma idade que estão ingressando num nível superior de escolaridade ou buscando cursos de especialização profissional para acessar ou aprimorar para o mercado de trabalho. O adolescente e jovem da EJA deve ser visto como uma pessoa cujas condições de existência, resultam à dupla exclusão de seu grupo de pares da mesma idade e do sistema regular de ensino (FERNANDES, 2008).

Os interesses desses jovens, pertencentes ao mundo do trabalho, ou do desemprego, incorpora-se à EJA, buscando muitas vezes concluir as etapas de sua escolaridade, melhorar para si as ofertas do mercado de trabalho. Desta forma há uma estreita relação com o adulto que também busca essa formação, mas diferenciam-se por suas condições, psicológicas e biológicas, com demandas diferentes da do adulto no atendimento escolar (AMARAL e FERRARI – 2005).

Assim, aproveitar as diferenças geracionais em favor de um crescimento não somente cognitivo, mas dialogar essas semelhanças e dessemelhanças, superar o preconceito e a exclusão, promover a confiança e autorressignificação de nossos estudantes, com a participação solidária de toda a comunidade escolar e organizações da sociedade civil.

A escola necessita estar conectada à vida do aluno; o que implica desde uma concepção freireana em uma postura aberta para trazer os saberes, o imaginário, os sonhos e ilusões dessa cultura juvenil. Uma cultura de periferia, dinâmica, muitas vezes, politicamente incorreta, com seus jargões e formas peculiares de fazer-se ouvir. Aproximar-se do universo juvenil, sem preconceitos e intolerâncias – porque por incrível que pareça os educadores também envelhecem e perdem, muitas vezes, a capacidade de colocar-se no lugar do outro para compreendê-los, reconhecendo e proporcionando a visibilidade e a expressão das culturas juvenis, parecem ser um dos requisitos indispensáveis para esses novos tempos (SILVA, 2007).

A presença crescente do contingente de adolescentes e jovens se apresenta como novidade na EJA e tem sido um dos desafios para gestões, educadores e toda a sociedade, e exige que, juntos, pensemos como lidar com esses alunos e estabelecer diálogos.

Para atender esses adolescentes e jovens, numerosos e tão diversos no que se refere a interesses, histórias de vida, com uma cultura tão diferenciada da escola sistematizada que ora existe, há que se assegurar não só o acesso, mas a permanência desses estudantes na escola, com aprendizagens significativas, com a aplicação do currículo em movimento, com novas diretrizes para a EJA, diversificando os programas, produzindo materiais didáticos apropriados e melhorando a formação inicial e continuada dos profissionais da educação.

Para atender este estudante, de trajetórias escolares caracterizadas por fracassos, rupturas, frustrações e não aprendizado, com um perfil plural, marcado pela diversidade com uma realidade complexa e desigual de discriminação cultural, de gênero e social, se faz necessário (re)conhecê-los e perguntar: “Quem são esses estudantes adolescentes e jovens da EJA do CESAS”? Do mundo? Quais as realidades que eles trazem? Como provocar na comunidade escolar a ação-reflexão – ação com reinserção desses adolescentes na EJA? Como repensar formas desses sujeitos retornarem seu percurso educativo, sem segregação e discriminação?

Construir uma EJA que desenvolva seus processos pedagógicos, considerando “quem” são esses sujeitos, implica refletir sobre as possibilidades de transformar a escola que os atende em uma instituição aberta, que valorize seus interesses, conhecimentos e expectativas; que favoreça sua participação; que respeite efetivamente seus direitos e não apenas em suas formalidades jurídico-administrativas burocratizadas de seus planos e programas; que mobilizem e desenvolvam conhecimentos que partam da vida desses sujeitos; que se interessem por eles enquanto cidadãos e não apenas objetos de aprendizagem. Incorporar essa pluralidade de sujeitos demanda conhecer suas atitudes, linguagens, códigos e valores muitas vezes desconhecidos ou desvalorizados pela cultura escolar e pelos currículos tradicionalmente ofertados. (ANDRADE, 2006)

Os estudantes da EJA do CESAS vêm em sua maioria de uma escola regular para a EJA, com várias justificativas para essa transferência – desde situações de fracasso nos espaços escolares e que provocam a defasagem idade/série, como situações de indisciplina, o uso de drogas, tráfico, muitos em cumprimento de medida sócio educativa, com deficiência intelectual, diagnosticados ou não, indígenas, estudante em situações de risco, de rua, do campo e outras diversidades étnicas e sexuais. Esses estudantes e suas famílias procuram o CESAS com expectativas diversas. Quer seja a esperança que a escola vá “endireitar” aquele jovem, quer pelo desejo do estudante de encontrar outras possibilidades positivas de aprender e se inserir no mercado de emprego ou obter um certificado.



O fato é que o fracasso que causa a interrupção, abandono, indisciplina desse estudante pode ser motivado por fatores sociais, econômicos, familiares e pelo desrespeito do sistema educacional à diversidade.

Diferentemente dos outros animais que não se tornaram capazes de transformar a vida em existência, nós, enquanto existentes, nos fazemos aptos a nos engajarmos na luta em busca e em defesa da igualdade de possibilidades pelo fato mesmo de, como seres vivos, sermos radicalmente diferentes uns dos outros e umas das outras (FREIRE; PAULO, 1997).

Desse modo é necessário acolher esses estudantes em um movimento que Paulo Freire chama de conquista de autonomia pelo sujeito, que permitiria às pessoas mover-se de um estado de ser para um estado de ser-mais. Uma operação transformadora da realidade, em uma atividade de ação – reflexão – ação, constante e dinâmica.

Esse movimento é que juntará, pela práxis, adolescentes, jovens e adultos, ouvindo-os, integrando-os, chamando-os a assumir seus papéis, seus direitos e suas responsabilidades.

Há que se considerar essa busca dos estudantes pela escola, seus interesses, seus saberes e construirmos uma proposta pedagógica que atenda ao seu direito universal de educação, de aprender ao longo da vida, de perspectiva de trabalho, de aprendizagens significativas, não somente tratando-os como números, mas ofertando o ingresso e a permanência com qualidade, sem segregação na escola.

Como fazer essa ação-reflexão-ação com reinserção? Não adianta culpar somente os estudantes por seu fracasso escolar. Como cita Dubet:

A escola parece justa e neutra no seu funcionamento, enquanto as injustiças sociais e as desigualdades sociais é que são diretamente a causa das desigualdades escolares. Num tal sistema, a escola intervém relativamente pouco sobre o destino dos indivíduos, que é antes de mais nada, um destino social, e quando intervém ela o faz sobretudo de maneira “positiva”, seguindo o modelo de promoção dos melhores alunos egressos do povo; é o modelo do “elitismo republicano”. Ou seja, já que é baseada num princípio de reprodução estrutural das desigualdades sociais, essa escola não aparece como um agente ativo da exclusão social. O malthusianismo escolar protegeu durante longo tempo a escola do processo que acabou fazendo dela um fator de exclusão (DUBET, 2000).

Nessa análise Dubet constata que a escola não é “inocente”, nem é “neutra” e reproduz as desigualdades sociais produzindo as desigualdades escolares.

As políticas educacionais para a população adolescente/jovem/adulta encontram-se ainda perceptivamente atrelada à exclusão. Alguns professores, até mesmo estudantes adultos/idosos veem seus colegas como estudantes que vêm para desestabilizar a ordem escolar, para atrapalhar seus objetivos. Para isso, é fundamental que se estabeleça em sala de aula um ambiente em que essa diversidade seja respeitada. É preciso mudança de postura

dos profissionais da educação e para isso é necessário que sejam dadas melhores condições de trabalho, formação continuada para prepará-los para atender essa nova realidade na EJA, e o compromisso de políticas públicas que potencializem as possibilidades e capacidades desses adolescentes e jovens com a finalidade de transformar a realidade subjetiva e social do sujeito.

A escola para todos e todas deve ser justa e democrática, deve vir ao encontro dos anseios de sua população. A presença desse contingente de adolescentes e jovens tem sede que seus direitos e liberdades fundamentais sejam respeitados, ainda que muitas vezes nem saibam como exigir esses direitos ou pelas barreiras impostas pela exclusão, utilizem outras linguagens para demonstrar seu sofrimento no contexto escolar. Porém, sabemos que a simples existência de leis não garante uma sociedade justa, desta forma, é imprescindível que nos comprometamos com a causa da conquista da autonomia do estudante quer seja na escola, quer seja na vida da sociedade. Santos (1988), afirma que a luta pela cidadania não se esgota na confecção de uma lei ou na constituição, porque a lei é apenas uma concreção, um movimento finito de um debate filosófico sempre inacabado. Assim como o indivíduo deve estar sempre vigiando a si mesmo para não se enredar pela alienação circundante, assim o cidadão, a partir das conquistas obtidas, tem de permanecer alerta para garantir e ampliar sua cidadania.

A escola deve buscar parcerias que atendam as especificidades e as necessidades educacionais desses estudantes, sobre os princípios de justiça e equidade. Parceiros esses, que começam pela família e se estendem à sociedade civil: outras instituições que ofereçam cursos que os qualifiquem profissionalmente, caso seja esse o seu interesse, em estreita relação com a educação continuada. O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Jovens de 15 a 17 anos (Pró-jovem) e Pró-jovem trabalhador, que prepara o estudante para o mercado de trabalho e para ocupações alternativas geradoras de renda, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), a Escola Técnica de Brasília (ETB), e Instituto Federal de Brasília (IFB), além de ações que incorporem atividades relacionadas a seus interesses como arte, cultura, música, teatro, criação de rádios que divulgará a cultura do adolescente e jovem, e que facilitará a aprendizagem.

## 5. OBJETIVOS:

### 5.1. Objetivo Geral:

Promover na comunidade presencial do Centro de Educação de Jovens e Adultos da Asa Sul (CESAS), a constituição de uma práxis existencial-social, baseada no respeito à diferença, no acolhimento, no diálogo intergeracional, na construção do sentimento de pertencimento, como desenvolvimento do ser humano.

### 5.2- Objetivos específicos:

- Identificar, via questionários, anseios e necessidades dos estudantes do CESAS.
- Implantar uma horta escolar como fator de aglutinação intergeracional.
- Elaborar um vídeo de três a cinco minutos sobre a copa do mundo como expressão de diversidade cultural.
- Organizar e desenvolver a *webtv* do CESAS, em caráter experimental.
- Incentivar eventos de difusão cultural dentro da iniciativa CESARTE e Intervalo Cultural como estratégia de fomento do sentimento de pertencimento à escola.

## 6. ATIVIDADES

O projeto começou a ser executado em 2013 quando começamos a propor algumas mudanças e estabelecemos diálogos, ouvindo nossos alunos em suas expectativas e interesses, por meio de uma reunião geral que aconteceu no primeiro semestre.

Percebemos que olhar o outro sob perspectivas diferentes, na construção coletiva diária, ora caminhando numa mesma direção, ora mudando, refazendo, nos parece ser o melhor caminho. E essa busca não pode ser feita apenas por iniciativas individuais ou de equipes, ou só de gestores, mas de todos(as) num processo de inclusão que abranja, conquiste e vá crescendo até atingir a comunidade escolar, e isso só pode ser feito com o diálogo.

No diálogo, a tolerância é o reconhecimento do direito às ideias e verdades contrárias as nossas. Tolerância e abertura são duas atitudes imprescindíveis no diálogo entre os diferentes saberes, as diferentes culturas, as diferentes teorias e os diferentes modos individuais de ser (Carta da Transdisciplinaridade - Convento da Arrábida, Portugal - 1994).

Neste contexto tão diverso sabemos que o desafio é o diálogo e a tolerância, a mudança de posturas frente à realidade que temos e a realidade que queremos construir coletivamente. Há muitos docentes, e até mesmo estudantes adultos e idosos que veem o adolescente/jovem como um intruso na EJA quando o fato real é que nossa comunidade da EJA, sempre foi marcada por trajetórias de vida de faltas e abandonos. Muitos deles retornam à escola com a esperança de inserção e/ou estabilidade no emprego, querem abrir oportunidades de melhorar sua vida e a de seus familiares e muitas vezes não alcançam esse objetivo na EJA, tal qual o adolescente/jovem. A escola então, como bem destaca Paulo Freire, é lócus em que a efetividade do ato educativo reside principalmente nas ações empreendidas mais que nos discursos e teorias.

Em uma acepção mais ampla a educação acontece em todos os níveis da escola e em seu entorno e é protagonizada por todos aqueles que intencionalmente, transformam a sua rotina de trabalho em ação educativa.

Essa relação de todos (as) como bem coloca Freire, na escola muitas vezes é assustadora e impressionante porque numa primeira alteração, numa situação opressora, se verifica uma transformação nesta autodesvalia. Até o momento em que os oprimidos não tomem consciência das razões de seu estado de opressão, aceitam fatalisticamente sua exploração (FREIRE, 1997).

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Paulo Freire). A construção coletiva fundamentada no diálogo é capaz de atingir nosso principal objetivo que é o de promover à práxis existencial social no CESAS. Dentro

dessa visão partimos da premissa que é preciso ouvir o nosso público alvo, saber seus interesses e assim promover ações afirmativas.

Já no início do ano de 2014 aconteceu a primeira ação: o planejamento em conjunto com professores(as), servidores(as) de todas as atividades do semestre, levantadas pelo grupo com a comunidade escolar no ano de 2013. Com isso um cronograma de atividades/responsabilidades foi construído, podendo ser alterado pós-discussão. Posteriormente partiu-se para uma das atividades de acolhimento planejada: a escola foi apresentada a todos os estudantes e por meio do diálogo surgiram opiniões e sugestões de projetos a serem executados em 2014. Os profissionais da educação foram apresentados, juntamente com todos os funcionários que participam do dia a dia da escola. Foram expostos os êxitos dos estudantes obtidos em 2013, tanto nas Olimpíadas da Matemática onde alcançaram medalha de bronze, quanto nos jogos escolares ficando com a medalha de prata no atletismo. O momento foi aproveitado para parabenizar os estudantes pelo desempenho e resultados no Enem e vestibulares.

A partir desse acolhimento ficou claro, não apenas que esses estudantes precisam participar, mas serem sujeitos de sua própria história. Muitos projetos foram surgindo entre os estudantes e conquistaram a participação de professores, orientação, servidores e gestão. Este projeto de intervenção local se propõe acompanhar e avaliar o projeto da Horta Comunitária – que objetiva a relação intergeracional, da Web TV – que objetiva a produção e veiculação das ideias e criações pertinentes ao ambiente escolar, Cineclubes CESAS – que objetiva o acesso a filmes e trabalhos em vídeos relacionados ao dia a dia da educação, e o Intervalo Cultural e a CESArte, que tem como objetivos a divulgação da produção artística e cultural dos participantes da comunidade CESAS.

A proposta dos estudantes ao desenvolver o projeto Horta Comunitária é despertar a conscientização para a questão da educação ambiental e sustentabilidade humana, porém a escola reconhece a oportunidade de agregar os valores de pertencimento e relações intergeracionais, por ser um trabalho coletivo.

Os projetos CESArte e Intervalo Cultural surgem como um momento em que os estudantes, profissionais da educação e comunidade escolar podem ministrar e participar de oficinas que envolvem trabalhos manuais, culinária, música, danças, teatro. Além disso, oportuniza a todos exporem e socializarem seus trabalhos, apresentando alternativas de geração de renda.

O Projeto da Web TV propõe a criação de uma tv, via web, que transmitirá conteúdos educativos, cívicos e culturais. O conteúdo a ser divulgado por meio da TV CESAS, será produzido pelos estudantes e profissionais da educação, além de buscar parceria com o Canal E, da SEEDF.

O Projeto Cineclube CESAS é interdisciplinar e aproveita o momento em que sediamos a Copa do Mundo, para conhecer, valorizar e divulgar as diversas culturas. Proporciona momentos de pesquisa e para identificar as músicas, danças, comidas, crenças e hábitos de cada região ou país, além de conhecer a história do futebol e das copas. É importante ressaltar que nessa atividade os estudantes aprendem a respeitar e trabalhar coletivamente. A metodologia utilizada é planejar e executar a filmagem de um vídeo de 1 a 5 minutos de duração. Cada turma, utilizando recursos próprios como por exemplo, câmeras de celulares, de máquinas fotográficas e filmadoras, fará um ou dois filmes para o Festival da Semana de Educação para a Vida. É um projeto que aproveitará sempre as temáticas atuais.

Vimos assim com a riqueza dos projetos construídos de forma coletiva a importância do diálogo que “fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana. Ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo, afastam-se dele e com ele coincidem, nele põem-se e opõem-se.” Ainda citando Paulo Freire pode-se escrever: “O isolamento não personaliza porque não socializa” (FREIRE, 1997).

Esta prática de construção coletiva permite atividades propostas semanais como: reuniões de coordenação, não só por área, mas com orientação, gestão para elaboração de pautas com atividades, problemas, ideias a serem discutidas com todos sobre o currículo em movimento da EJA, práticas pedagógicas que precisamos criar ou melhorar e também sobre o trabalho interdisciplinar por acreditarmos que as coisas não tem sempre uma só verdade.

Os problemas não se resolvem apenas com a lógica do falso e do verdadeiro, do é ou do não é. Exige uma lógica, a da complementaridade dos opostos. O interessante é que os opostos não são exterminados, eles continuam existindo. Esta lógica, não retira a lógica aristotélica do sim e do não. Apenas não mais considera a existência de somente dois termos e sim três, um terceiro termo incluído, e este permite o cruzamento de diferentes olhares, construindo-se um sistema coerente e aberto que nos permite compreender os fenômenos sociais e políticos (SANTOS, 2001).

A interdisciplinaridade enfatiza o homem enquanto ser social, mas que também é dotado de afetividade que vem de si, de sua vivência interna e que recebe e interage com o que recebe de sua realidade externa. É importante diminuir a distância entre as disciplinas, permitindo assim o diálogo entre elas e os sujeitos. É primordial enfatizar que para a realização dos projetos que serão executados por todos (as), alguns deles necessitarão de recursos do PDDE e PDAF e também de parceiros como Conselhos Tutelares, Coordenação Regional de Ensino Plano Piloto/Cruzeiro, EAPE, IBAMA, NOVACAP, além é claro, da família dos nossos estudantes adolescentes/jovens.

Outra ação importante que a prática pedagógica democrática pressupõe é a utilização dos dados obtidos do quantitativo de alunos menores de 18 anos e a partir daí, promover o

contato com seus responsáveis legais para reuniões e divisão de responsabilidades, levantamento de sugestões para não só oferecermos o acesso do estudante à escola, mas também sua permanência na mesma, visto que muitos deles abandonam antes de acabar o semestre letivo.

Enfim, várias ações foram e vão surgindo num processo que se inicia. Constatamos que precisamos dessa troca, que podemos pensar a escola de vários modos, entendemos que revitalizar os espaços escolares torna-o agradável e acolhedor promovendo a inclusão de nossos estudantes adolescentes, jovens, adultos, idosos e especiais. Estabelecer espaços sinalizados para práticas de esportes, leituras, salas de aula, alimentação, informa, organiza e facilita o seu uso, que deve ser comunitário.

Muitas dessas mudanças propostas e que continuam em processo foram ideias advindas da comunidade escolar e ao seu pensar e atuar sobre a realidade que é sua práxis. Esperamos que essas reflexões e ações integrem as diversas realidades na construção de nosso Projeto *Interventivo* de Construção Coletiva.

## **7. CRONOGRAMA:**

Durante a gestão escolar da atual direção 2014/2016.

## **8. PARCEIROS:**

Direção, Supervisão, Coordenadores, Profissionais da Educação, Servidores, Pais e Estudantes.

## **9. ORÇAMENTO:**

Os projetos requerem validação e aceitação do Conselho Escolar e da atual gestão para suplementação orçamentária utilizando os recursos do PDDE e PDAF, seguindo as normas de investimento dos recursos.



## 10. ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO:

“Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha à luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia” (FREIRE, 1997).

Quando pensamos este projeto, tínhamos a esperança de que seu impacto atingisse toda a escola e que seu modelo pudesse servir para outras instituições que comungam da mesma problemática. Porém, quando trabalhamos com mudanças, qualquer que seja ela, precisa de um tempo para ser refletida e aceita. Mudar leva-nos a abandonar a nossa zona de conforto e isso não é fácil. Dessa forma, trabalharemos em um primeiro momento com aqueles que aderiram à ideia de imediato, para podermos avaliar os impactos nas salas destes professores. Contudo, serão realizadas ações afirmativas a fim de provocar a reflexão de todos os profissionais da escola.

Faz-se urgente a implantação de programas que, de fato, sensibilizem as crenças dos professores. A transformação da prática é resultado da transformação da crença nessa prática, e crença não se transforma por decreto ou por pressão. Transformar crenças exige um trabalho dentro de quatro constantes e incansáveis dimensões: tempo, diálogo, prática e apoio. Quanto mais sincronizados os três últimos, menor será o primeiro. Diminuir o tempo e transformar de imediato tem sido a exigência de muitos sistemas, que, infelizmente, tem colhido resultados desastrosos e provocado consequências catastróficas no resultado final da aprendizagem (FURTADO, 2007).

Talvez esse impacto em um pequeno grupo possa parecer pouco, porém acreditamos que a vontade de melhorar é contagiosa e temos a esperança de que aos poucos esse grupo de trabalho vá crescendo, conseqüentemente ampliando os impactos dessas mudanças propostas que devem assegurar a gestão da diversidade.

Nesse sentido, as ações terão reuniões específicas, de acordo com a peculiaridade de cada uma, onde professores e estudantes participantes das frentes previstas – nos objetivos específicos, estabelecerão a periodicidade das iniciativas de acompanhamento e avaliação, que serão realizadas de forma contínua e processual, quando todos os envolvidos desempenharão o papel de coautores e poderão apontar as melhorias necessárias para um melhor aproveitamento das atividades. Os resultados alcançados serão registrados em relatórios que servirão de base para os futuros momentos de planejamento, quando todos poderão interferir e contribuir para a melhoria do desempenho daquilo que não foi exitoso.

## 11. REFERÊNCIAS

AMARAL, Suely e FERRARI, Shirley Costa. O aluno de EJA, jovem ou adolescente? 2005. Disponível em < [http://www.cereja.org.br/pdf/revista\\_v/revista\\_shirleycostaferra.pdf](http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/revista_shirleycostaferra.pdf) > Acesso em 24 Abr 2014.

ANDRADE, Eliane Ribeiro. Os Jovens da EJA e a EJA dos Jovens. In: BARBOSA, Inês; PAIVA, Jane; (Org.) Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro. DP&A, 2004.

CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE. Adotada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade – Convento da Arrábida, Portugal, 2-6 de novembro de 1994. Disponível em < <http://www.teses.usp.br> > Acesso em 24 Abr 2014.

DUBET, François. A Escola e a Exclusão. Revista Éducation et Sociétés, n.5, p. 43-57 2000/2001. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/cp/n119/n119a02.pdf> > Acesso em 24 Abr 2014.

FERNANDES, Andréa da Paixão. Jovens na EJA, perspectivas do direito e transferências: responsabilidades de quem? Disponível em < [www.ulbra.br/3sbece/andreapf.pdf](http://www.ulbra.br/3sbece/andreapf.pdf) > Acesso em 24 Abr 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FURTADO, Celso. O professor fora do seu tempo. Curitiba: Humana Editorial, 2007.

TEIXEIRA, Anísio, 1963. In: PEREIRA, Eva, org. Nas Asas de Brasília. Memórias de uma Utopia Educativa 1956- 1964. Universidade de Brasília, 2011.

SANTOS, Milton. Ensaio de Geografia Contemporânea. Obra Revisitada/ organizadora Ana Fani Alessandri Carlos. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Hucitec: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

SILVA, Líbia. Juvenilização na EJA. Disponível em: < <http://www.bj2.me/login.php> > Acesso em: 23 nov. 2013.

MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 1932, Revista HISTEDBR Online, Disponível em < [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1\\_22e.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf) > Acesso em 16 mar 2014.